

O Filósofo da poesia

Lilia Silvestre Chaves*

*A correspondência é a forma utópica da conversa,
porque anula o presente e faz do futuro o único lugar
possível do diálogo.*

Ricardo Piglia

Benedito Nunes foi, uma vez, poeta. Hoje considera as suas incursões na poesia como “pecadilhos juvenis”. Mas sempre se interessou pela filosofia e pela crítica literária e, como crítico, dedicou talvez a maior parte de sua vida a comentar e a divulgar a obra daquele que foi um de seus mais fraternais amigos, confidente e correspondente, Mário Faustino, o poeta da poesia, como uma vez o próprio Benedito Nunes o chamou. Corresponderam-se a vida inteira, quando distantes, em cidades diferentes.

Ao contrário do amigo, Benedito Nunes sempre cuidou de guardar todas as cartas que lhe escreveu Mário Faustino, cartas em que a vida é transformada em texto, original, autobiográfico, fragmentado, secreto. Talvez essa correspondência seja o mais vivo documento sobre a vida e a arte de Mário Faustino, documento que permitiu ao filósofo-crítico, como interlocutor privilegiado, uma compreensão ainda maior da obra do poeta. As cartas de Mário Faustino retomam assuntos comuns entre ele e o “Bené” (como o chamava), referem-se a leituras, a pessoas e a um mundo compartilhado e, apesar de ouvirmos somente a voz de Mário Faustino – com o silêncio de permeio assinalado pelo espaço e pelo tempo que as cartas testemunham –, é possível reconstituir as falas do amigo por entre as linhas perdidas, com o auxílio sempre pronto da imaginação, tendo como guia referências e retomadas dos textos das próprias cartas. Esse início de correspondência será a conversa realizada agora por nós (no cruzamento com outros textos), em um futuro que o poeta não viveu e que é presente

* Professora da Universidade Federal do Pará - UFPA. Doutora em Literatura; autora, entre outros, do livro *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult; IAP; API, 2004.

agora. As cartas de Mário Faustino anulam o passado vivido por Mário e Benedito e fazem do presente-agora (como predisse Piglia, citado na epígrafe deste texto) o único lugar possível do diálogo.

Mário Faustino mostra-se como palavra íntima na primeira carta que está colecionada no arquivo, datada de 1950, e que, por alguma coincidência com a origem do autor, foi escrita em Teresina, cidade natal de Mário Faustino. “Este Norte é mesmo o tal”, escrevia ele. De férias, na Chapada do Corisco, entre os mais cultos e políglotas arigós, Mário, com 20 anos incompletos, de férias, inicia, para nós, leitores de hoje, as perguntas sem respostas de suas cartas. As respostas, cabe a nós supor ou inventar.

Benedito Nunes desdobrou uma a uma as três cartas, que lhe mandara Mário Faustino de Teresina, entre dezembro de 1950 e fevereiro de 1951, e que iniciaram a correspondência entre os dois amigos: as duas primeiras eram manuscritas; a terceira, datilografada. Observou com cuidado aquela letra que ele viu mudar tanto com o passar dos anos, virou as folhas, olhou a assinatura. Releu a primeira das cartas, em que o amigo contava suas férias. Nessa temporada, Mário aprendera a dirigir, e guiar pela cidade era o seu maior divertimento, além dos passeios matinais a cavalo e das leituras que o absorviam. A despeito da vida interiorana, Mário Faustino sentia-se bem naquela terra em que, para sua surpresa e satisfação, encontrara “gente culta, inteligente, moderna e de espírito à beça [...]”. Por aqui tem gente da classe do Mendes ou do Bitar” (27 dez. 1950).¹ Daquele Nordeste, entre “os mais cultos e políglotas arigós”, ele discorre, entusiasmado, sobre Meridiano, a revistinha dos novos de lá, sobre os poetas e intelectuais de Teresina. “Tem muita gente estudiosa por toda parte, até no Piauí!!!”, escrevia, no seu estilo epistolar escrito-oral.

Mário, quando deixou *A Província*, passou a trabalhar como secretário na *Folha do Norte*, por influência de Haroldo Maranhão, neto do proprietário do jornal (Paulo Maranhão), “cuja redação chefiou, remodelando inteiramente a feição do velho jornal paraense, e onde, com interrupções resultantes de viagens, trabalhou durante sete anos” (MARANHÃO, 1966). Mário Faustino logo conquistou o pai de Haroldo, que era gerente, e chegou, pouco tempo depois, a chefe de redação, cargo que ocupou por vários anos. Antes disso, já colaborava no suplemento literário do jornal (que Haroldo Maranhão criara em 1946 e que tinha inicialmente o título de Suplemento Artes-Literatura e, mais tarde, passou a se chamar Artes-Letras), publicando contos, traduções de poesia (do francês e do inglês) e seus primeiros poemas.

O episódio tratado aqui neste artigo mais profundamente² revela o primeiro comentário crítico feito por Benedito Nunes dos poemas iniciais de Mário Faustino, nesse começo de 1951. E só nos é possível saber do desdobramento dessa crítica por meio das cartas de Mário, que, por sua vez, provocam uma leitura mais atenta e interpretativa de alguns artigos dos números 163, 164 e 165 dos Suplementos dedicados às Artes e às Letras, publicados nas edições de domingo da *Folha do Norte*.

Depois de tanto tempo – quase cinquenta anos passados –, Benedito Nunes lembra-se ainda perfeitamente da reportagem e do artigo crítico que provocou, sem querer, o primeiro desentendimento (talvez o único) entre ele e Mário

¹ Orlando Bitar era professor da Faculdade de Direito e falava várias línguas.

² Esse episódio da vida dos dois amigos (Benedito Nunes e Mário Faustino) já foi por mim tratado mais superficialmente no livro *Mário Faustino: uma biografia* (2004) e em um ensaio, “O filósofo e o poeta”, ainda inédito. O presente artigo – “O filósofo da poesia” – deverá fazer parte de um capítulo da biografia de Benedito Nunes, objetivo de minha pesquisa atual, em fase de elaboração.

Faustino. “Foi tudo uma ideia do Ruy Barata”, conta, divertindo-se com a lembrança. Quando, no final de 1950, Haroldo Maranhão, responsável pelo Suplemento da *Folha do Norte*, viajou de férias para Fortaleza, deixou dois números prontos para serem editados e nomeou Ruy Barata para substituí-lo na organização dos exemplares. A reportagem prevista para o número 163, de 24 de dezembro, era uma antologia de dez poetas paraenses, todos pertencentes à nova geração de intelectuais que frequentava o Café Central, todos colaboradores do Suplemento.

Ruy Barata, brincalhão, sem que ninguém soubesse do plano, combinou com o Bené que este escreveria um artigo crítico sobre a antologia e assinaria com um pseudônimo, como se fosse um crítico de fora comentando a poesia da terra. E assim foi feito. Uma semana depois, o Suplemento Arte-Letras de 31 de dezembro de 1950 publicou uma curiosa carta de um tal Sr. João Afonso ao redator do Jornal, dizendo-se crítico literário de passagem pela cidade e que, tendo lido a antologia do domingo anterior, tomava a liberdade de mandar para o jornal algumas observações que lhe sugerira a leitura:

De passagem por esta cidade, domingo último, quando foi publicada no Suplemento Literário uma antologia de poetas paraenses que li e achei muito interessante, tomo a liberdade de mandar-lhe, juntamente com esta, algumas observações que essa leitura me sugeriu. Não tenho pretensões de fazer crítica e mesmo os meus afazeres que são inúmeros não me deixam tempo para dedicar-me ao trabalho contínuo e severo que a literatura exige. Mas pensei que seria bom mostrar, escrevendo essas notas, a impressão que causou numa pessoa, que não vive radicada aqui, a coletânea organizada por v.s. Poderia dirigir-lhe o que escrevi, em caráter particular; entretanto atendendo à missão que desempenham os Suplementos Literários, que é de divulgação e esclarecimentos, não hesito em pedir-lhe que receba minhas notas para dar-lhes publicidade no Suplemento ou até mesmo no corpo do jornal. Atenciosamente. João Afonso (J.A.).³

E o crítico, em seguida, passava a comentar, um a um, todos os dez poetas. Parece que Benedito Nunes e Ruy Barata quiseram dar uma “sacudidela” nos leitores do Suplemento cuja missão, dizia o crítico de passagem, é a de divulgação e esclarecimentos. E conseguiram.

O artigo causou um alvoroço inesperado e, tomando dimensões que ultrapassaram a simples brincadeira, provocou indignação entre os poetas criticados, indo atingir o diretor do Suplemento (um dos poetas) no seu descanso na praia, onde Mário Faustino também se encontrava por alguns dias. Haroldo Maranhão, tendo concluído que o artigo era de autoria do Francisco Paulo Mendes, escreveu, imediatamente, um artigo combatendo o que ele chamava de “a crítica mordaz” do tal João Afonso, a ser publicado no Suplemento, à guisa de resposta.

O autor da “crítica mordaz” de 1951 sorriu. A memória aveluda as arestas e revela o que há de cômico ou doce nas situações mais difíceis do passado. Onde estaria o exemplar do jornal em que foi publicada a crítica? Benedito Nunes foi buscar a sua coleção de Suplementos da *Folha*, arquivados

³ Todas as citações do artigo que Benedito Nunes escreveu sob o pseudônimo João Afonso (Dez poetas paraenses, 1950) serão seguidas das iniciais J.A. entre parênteses.

cuidadosamente no armário de canto da Bicom, a “Biblioteca complementar” (junto aos suplementos do Jornal do Brasil, aos três exemplares da revista Norte e a outros jornais esparsos, revistas e pastas contendo artigos variados).

Pegou primeiro o Suplemento n.º 163, publicado na véspera do Natal de 1950. A antologia ocupava as quatro páginas do Suplemento, com fotos dos poetas, organizados pelo nome, em ordem alfabética, além de algumas notas biográficas e dos poemas de cada um (uma coluna para cada poeta, três colunas em cada página, o Ruy Barata sozinho na quarta página) e o título: “Dez poetas paraenses”, seleção e notas de Ruy Guilherme Barata.



Figura 1. Cabeçalho do Suplemento e o tema do número especial (24.dez.1950).

Passou os olhos pelos retratos dos amigos longínquos, tanto pelo tempo da juventude fixado pela fotografia, quanto pelo tempo transcorrido, revelado na usura do papel do jornal machucado, velho. Os poemas selecionados pelo Ruy Barata, por sua vez, também fixam uma época de afirmação maior ou menor de cada um, o início do caminho de alguns talentos poéticos, o rumo ainda não encontrado de escritores que se consagrariam, mais tarde, na prosa ou no ensaio filosófico, como seria o seu caso pessoal.

SUPLEMENTO

Antes

Folha do Norte

Depois

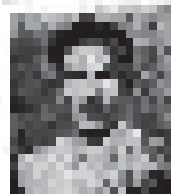
1934

1934

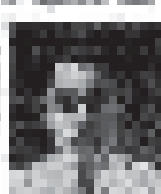
1934

DEZ PORTAS PARAENSES

Alonso Rocha Marcelino Viana Cecy Goul



Alonso Rocha nasceu em 1908, em São Paulo, e veio para o Rio de Janeiro em 1930. Foi um dos principais nomes da geração de 1930, com obras como "O Homem e a Mulher" e "O Homem e a Cidade".



Marcelino Viana nasceu em 1908, em São Paulo, e veio para o Rio de Janeiro em 1930. Foi um dos principais nomes da geração de 1930, com obras como "O Homem e a Mulher" e "O Homem e a Cidade".



Cecy Goul nasceu em 1908, em São Paulo, e veio para o Rio de Janeiro em 1930. Foi um dos principais nomes da geração de 1930, com obras como "O Homem e a Mulher" e "O Homem e a Cidade".

PORTO

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

PORTO DE MARIANA

Alonso Rocha
Marcelino Viana
Cecy Goul

Abstract

Abstract

100

100

Figure 1

1. **Introduction**
 2. **Background**
 3. **Methodology**
 4. **Results**
 5. **Discussion**
 6. **Conclusion**
 7. **References**
 8. **Appendix**
 9. **Index**
 10. **Table of Contents**
 11. **Abstract**
 12. **Keywords**
 13. **Summary**
 14. **Notes**
 15. **References**
 16. **Appendix**
 17. **Index**
 18. **Table of Contents**
 19. **Abstract**
 20. **Keywords**
 21. **Summary**
 22. **Notes**
 23. **References**
 24. **Appendix**
 25. **Index**
 26. **Table of Contents**
 27. **Abstract**
 28. **Keywords**
 29. **Summary**
 30. **Notes**
 31. **References**
 32. **Appendix**
 33. **Index**
 34. **Table of Contents**
 35. **Abstract**
 36. **Keywords**
 37. **Summary**
 38. **Notes**
 39. **References**
 40. **Appendix**
 41. **Index**
 42. **Table of Contents**
 43. **Abstract**
 44. **Keywords**
 45. **Summary**
 46. **Notes**
 47. **References**
 48. **Appendix**
 49. **Index**
 50. **Table of Contents**
 51. **Abstract**
 52. **Keywords**
 53. **Summary**
 54. **Notes**
 55. **References**
 56. **Appendix**
 57. **Index**
 58. **Table of Contents**
 59. **Abstract**
 60. **Keywords**
 61. **Summary**
 62. **Notes**
 63. **References**
 64. **Appendix**
 65. **Index**
 66. **Table of Contents**
 67. **Abstract**
 68. **Keywords**
 69. **Summary**
 70. **Notes**
 71. **References**
 72. **Appendix**
 73. **Index**
 74. **Table of Contents**
 75. **Abstract**
 76. **Keywords**
 77. **Summary**
 78. **Notes**
 79. **References**
 80. **Appendix**
 81. **Index**
 82. **Table of Contents**
 83. **Abstract**
 84. **Keywords**
 85. **Summary**
 86. **Notes**
 87. **References**
 88. **Appendix**
 89. **Index**
 90. **Table of Contents**
 91. **Abstract**
 92. **Keywords**
 93. **Summary**
 94. **Notes**
 95. **References**
 96. **Appendix**
 97. **Index**
 98. **Table of Contents**
 99. **Abstract**
 100. **Keywords**
 101. **Summary**
 102. **Notes**
 103. **References**
 104. **Appendix**
 105. **Index**
 106. **Table of Contents**
 107. **Abstract**
 108. **Keywords**
 109. **Summary**
 110. **Notes**
 111. **References**
 112. **Appendix**
 113. **Index**
 114. **Table of Contents**
 115. **Abstract**
 116. **Keywords**
 117. **Summary**
 118. **Notes**
 119. **References**
 120. **Appendix**
 121. **Index**
 122. **Table of Contents**
 123. **Abstract**
 124. **Keywords**
 125. **Summary**
 126. **Notes**
 127. **References**
 128. **Appendix**
 129. **Index**
 130. **Table of Contents**
 131. **Abstract**
 132. **Keywords**
 133. **Summary**
 134. **Notes**
 135. **References**
 136. **Appendix**
 137. **Index**
 138. **Table of Contents**
 139. **Abstract**
 140. **Keywords**
 141. **Summary**
 142. **Notes**
 143. **References**
 144. **Appendix**
 145. **Index**
 146. **Table of Contents**
 147. **Abstract**
 148. **Keywords**
 149. **Summary**
 150. **Notes**
 151. **References**
 152. **Appendix**
 153. **Index**
 154. **Table of Contents**
 155. **Abstract**
 156. **Keywords**
 157. **Summary**
 158. **Notes**
 159. **References**
 160. **Appendix**
 161. **Index**
 162. **Table of Contents**
 163. **Abstract**
 164. **Keywords**
 165. **Summary**
 166. **Notes**
 167. **References**
 168. **Appendix**
 169. **Index**
 170. **Table of Contents**
 171. **Abstract**
 172. **Keywords**
 173. **Summary**
 174. **Notes**
 175. **References**
 176. **Appendix**
 177. **Index**
 178. **Table of Contents**
 179. **Abstract**
 180. **Keywords**
 181. **Summary**
 182. **Notes**
 183. **References**
 184. **Appendix**
 185. **Index**
 186. **Table of Contents**
 187. **Abstract**
 188. **Keywords**
 189. **Summary**
 190. **Notes**
 191. **References**
 192. **Appendix**
 193. **Index**
 194. **Table of Contents**
 195. **Abstract**
 196. **Keywords**
 197. **Summary**
 198. **Notes**
 199. **References**
 200. **Appendix**
 201. **Index**
 202. **Table of Contents**
 203. **Abstract**
 204. **Keywords**
 205. **Summary**
 206. **Notes**
 207. **References**
 208. **Appendix**
 209. **Index**
 210. **Table of Contents**
 211. **Abstract**
 212. **Keywords**
 213. **Summary**
 214. **Notes**
 215. **References**
 216. **Appendix**
 217. **Index**
 218. **Table of Contents**
 219. **Abstract**
 220. **Keywords**
 221. **Summary**
 222. **Notes**
 223. **References**
 224. **Appendix**
 225. **Index**
 226. **Table of Contents**
 227. **Abstract**
 228. **Keywords**
 229. **Summary**
 230. **Notes**
 231. **References**
 232. **Appendix**
 233. **Index**
 234. **Table of Contents**
 235. **Abstract**
 236. **Keywords**
 237. **Summary**
 238. **Notes**
 239. **References**
 240. **Appendix**
 241. **Index**
 242. **Table of Contents**
 243. **Abstract**
 244. **Keywords**
 245. **Summary**
 246. **Notes**
 247. **References**
 248. **Appendix**
 249. **Index**
 250. **Table of Contents**
 251. **Abstract**
 252. **Keywords**
 253. **Summary**
 254. **Notes**
 255. **References**
 256. **Appendix**
 257. **Index**

Procurou o Suplemento n.º 164, do domingo seguinte, dedicado à Antologia de sete contistas paraenses (a segunda reportagem prevista por Haroldo Maranhão, antes de viajar): na metade inferior da primeira página (com continuação na 2ª página), lá estava o artigo que assinara com um nome fictício. Benedito Nunes percorreu-o com o olhar.



Figura 6: comentário crítico de J. Afonso sobre os poemas dos *Dez poetas paraenses* (31.dez.1950).

O João Afonso inicia seus comentários pelos poemas do sr. Floriano Jayme, sem nenhuma condescendência: “Nunca a Esfinge formulou perguntas que fossem mais difíceis do que os poemas do sr. Floriano Jayme”, dizia, ironicamente.

Não é a dificuldade natural que se encontra diante de um verso cujo hermetismo reconhecido traduz algo que sentimos e que não podemos exprimir. Não é uma dificuldade poética, digamos assim: ela é uma dificuldade material. [...] A primeira impressão que se tem dessa poesia é que ela é apenas mistificação. [...] Parece-me que ele está possuído pela necessidade louca de encontrar a poesia, seja a que preço for, mesmo com sacrifício da própria poesia (J.A.).

No artigo crítico de João Afonso, talvez a única brincadeira a que se permitiu Benedito Nunes nesses anos de Suplemento, o ensaísta, não sem ironia, expõe suas ideias extremamente sérias a respeito da poesia e do poeta em geral:

O poeta não é como o selvagem de Rousseau. Ele não vive em estado de natureza, porque a natureza com que ele trata, não é esta que nos cerca. As invocações, os vocativos que qualquer um de nós atirasse ao Sol, esperando que ele nos devolvesse versos, não constituem poesia. [é preciso que haja] trocas entre a realidade objetiva e a subjetiva até [que o poeta consiga] subjugar-la num campo seu, onde ela se manifesta de modo a ser captada de maneira poética – nem completamente objetiva, nem completamente subjetiva, mas uma fusão orgânica de duas realidades – isto é, simbólica. Assim o poeta cria um mundo que é seu, cuja base ontológica é a palavra, que fundiu dois mundos aparentemente incompatíveis (J.A.).

O crítico transita de um poeta para outro, interligando-os por algum traço de estilo poético que os une ou distingue. Segue criticando os poemas de Haroldo Maranhão, em que, segundo ele, o encadeamento das imagens, artificial e mecânico faz com que as palavras soem abafadamente e o dizer poético seja quase nulo, com exceção de alguns achados, como o verso “Nossa memória: o azul amanhecendo”, do poema “Breve apelo”.⁴

O disfarce de Benedito Nunes confundiu os leitores do Suplemento e, principalmente, os poetas que participavam da antologia. Uma das razões da confusão foi justamente o pseudônimo escolhido. João Affonso (com dois “ff”) era o nome do avô de Francisco Paulo Mendes, o intelectual em torno do qual todos eles se reuniam e que os influenciava de uma forma ou de outra. E confundiu mais ainda o poeta Mário Faustino, que, em suas cartas – por causa do pseudônimo e da semelhança de trechos da crítica com o texto do artigo de Francisco Paulo Mendes publicado no Suplemento em 1948 –, discute e refuta os argumentos da crítica recebida.

O assunto do João Afonso vem à baila na segunda carta vinda de Teresina, de 29 de janeiro de 1951, e é mencionado na seguinte, de 16 de fevereiro de 1951, essa última datilografada em tinta azul, no papel timbrado da firma J. V. Silva & Cia., de “Theresina - Piauhy”, timbre que Mário teve o cuidado de riscar com o lápis ágil que usou para fazer algumas correções e para assinar. Ele explica que recebera uma carta de Mendes desvendando o mistério:

Já sabia – pelo Mendes – que não era ele e, sim, tu, o J. Affonso [...] Pensava que fosse o Mendes: as opiniões do J. A. são tão semelhantes às dele! Mas é natural: uma verdade se parece com outra – são uma só – e tuas opiniões, como as dele, são verdadeiras (29 jan. 1951).

Talvez essas palavras tenham ferido o orgulho do crítico confundido, apesar de Mário acrescentar no parágrafo seguinte:

Embora todo esse negócio do Suplemento, sobretudo por eu me achar desajeitadamente no meio, me parecesse a coisa chata que iniciou 1951, fiquei satisfeito por saber-te o João Afonso. Sabes que gosto das coisas bem feitas, e o teu artigo está muito bem escrito (29 jan. 1951).

Pensativo, Benedito Nunes comparou os originais das cartas de Mário Faustino com as cópias datilografadas pela estagiária de um projeto de publicação das obras completas do poeta.⁵ Na época em que lhe pediram cópia das cartas, ao revisar essas cópias para atender ao pedido de escrever algumas notas explicativas e, inclusive e sobretudo, para dar a sua permissão à publicação desses escritos tão íntimos, ele pensara que talvez devesse omitir certos trechos – um dos quais seria a discussão provocada por esse episódio do J. Afonso. “Não publicar”, escreveu Benedito Nunes ao lado do primeiro parágrafo da terceira carta, em que Mário Faustino escrevera, em 16 de fevereiro de 1951: “Recebi ontem tua última carta e foi com grande tristeza que reconheci ter provocado, involuntariamente, o primeiro incidente de nossa já antiga amizade. A respeito, quero, antes de encerrar tudo, dizer-te algumas coisas, que vou numerar, com licença do Cléo” (Cléo Bernardo, da turma do Café Central,

⁴ Essa memória do poeta da juventude, o autor de *Tetranelito Del Rey* vai abandonar. Seguindo outra via de escrita, o autor esquece ou renega seus primeiros escritos, uma espécie de amnésia desejada, nas páginas abandonadas de poesia.

⁵ Em 1996, uma pesquisadora da UNICAMP veio a Belém procurar o professor Benedito Nunes. Trazia na mala um projeto para publicar a obra completa de Mário Faustino. Benedito Nunes abriu seus arquivos a Maria Eugênia Boaventura, que estendeu suas pesquisas aos arquivos da Biblioteca Pública e aos dos jornais paraenses. O projeto compreendia a publicação da obra completa de Mário Faustino, em vários volumes.

costumava numerar tudo, e Mário Faustino não perdeu a oportunidade de fazer uma piada, de introduzir um riso na carta que ia ficando cada vez mais tensa).

O guardião do arquivo de Mário Faustino defrontava-se com o conceito de privacidade no contexto contemporâneo das publicações de biografia, em que a vida não é mais propriedade privada: quase nada é possível ocultar no universo social (WERNECK, 1996, p. 181). Nem mesmo um pequeno desentendimento íntimo tocando ao mesmo tempo a evolução poética de Mário e a sua própria originalidade na crítica de poesia. Quando, algum tempo depois, diante daquela negativa escrita, eu perguntei se poderia revelar as vozes dessa carta um pouco mais exaltada que o normal da correspondência que trocavam, Benedito Nunes acabou permitindo. Sabia que nem Mário, nem ele poderiam mais estar sozinhos, deixados em paz. As palavras conflagradas de Mário Faustino teriam de encontrar a paz exatamente na leitura dos seus textos e na revelação do homem como um todo. Sabia também do valor da leitura desses trechos em que Mário Faustino, sem o saber, ilumina (e esclarece), neste diálogo realizado no tempo futuro em que o amigo crítico sobreviveu ao poeta, um documento importante sobre a poesia paraense do início da década de 50 do século XX. Não é demais repetir as palavras de Mário Faustino: “fiquei satisfeito por saber-te o João Afonso. Sabes que gosto das coisas bem feitas, e o teu artigo está muito bem escrito” (29 jan. 1951).

Justamente, quanto à poética de Mário Faustino, em particular, por mais que pareça citar as opiniões emitidas por Francisco Paulo Mendes, na sua “Primeira notícia sobre a poesia de Mário Faustino” (1948), o crítico que usou o pseudônimo de João Afonso já esboçou com segurança - mesmo que tenha sido por trás de uma máscara - suas ideias sobre os primeiros passos de um poeta de cuja obra, mais tarde, seria o maior e mais fiel divulgador. Foi essa, portanto, a primeira vez que Benedito Nunes escreveu sobre Mário Faustino. Tinham-se passado dois anos desde o dia em que Mário chegara ao Café Central com a folha datilografada do seu primeiro poema, que entregou, triunfalmente, a Francisco Paulo Mendes e que lhe valeu o seguinte elogio (situando Mário, de 18 anos, como um dos poetas de mais força entre os que haviam aparecido ultimamente no Brasil):

[Um jovem poeta surge] de modo quase inacreditável, pela perfeição e realização de seus poemas, com certas qualidades de expressão e de forma que somente possuem os poetas já de todo completos. Há, principalmente na sua poética - além do equilíbrio e da ordem que ela reflete das tendências últimas da poesia contemporânea, e que o fazem [...] um dos seus representantes mais autênticos em nosso meio - um vocabulário moderno e belíssimo (MENDES, 1948).

Os poemas que a antologia dos dez poetas paraenses trouxe foram os mesmos do início de 1948, o primeiro e o segundo “Motivo da rosa”, os dois “Poemas do anjo” e “Elegia” (“Ela existia misteriosa e oculta”), escrita em 6 de março de 1948 e publicada no Suplemento em setembro de 1949. Nas palavras de Benedito-João Afonso, que se mostra surpreso pela qualidade da técnica poética, foi por essa razão que o poeta “conseguiu revalorizar” de maneira extremamente pessoal “dois temas que foram a consagração de muitos poetas notáveis e a tábua de salvação de um sem número de medíocres: o Anjo e a

Rosa”. Sem ter talvez consciência de que suas palavras repetiam algumas das ideias de Paulo Mendes expressas no ensaio saído dois anos antes, sobre os primeiros poemas de Mário Faustino, o crítico “de fora” discorre confiantemente:

O Sr. Mário Faustino parece ter encontrado o seu mundo particular, mas é fora de dúvida que não tomou as devidas providências para nele se fixar em caráter definitivo. É, segundo os dados biográficos, um rapaz de apenas vinte anos que, para surpresa nossa, pode dispor de uma técnica que os bons poetas só usam aos quarenta. Daí a razão por que conseguiu revalorizar, imprimindo um cunho pessoalíssimo de tratamento, dois temas que foram a consagração e muitos poetas notáveis e a tábua de salvação de um sem número de medíocres: o anjo e a rosa. Essa maestria no tratamento poético, a posse em que ele se encontra dos segredos da técnica poética, são as suas perigosas virtudes. Porque o virtuosismo é uma qualidade absorvente, que o poeta que a detém, pensa poder criar unicamente às suas expensas e, em consequência, opera-se uma confusão de conceitos – entre técnica e substância poética – em virtude da qual a primeira é tida como equivalente da segunda. Daí dizermos que o seu universo poético é vacilante. Vacila sob o peso duma grande beleza ainda não inteiramente possuída. Uma beleza insincera, que ele captou por meio de sua técnica, de sua habilidade para o verso e que não encontra uma base espiritual – enfim, uma beleza sem mundo, que tem apenas a ida que lhe dá o poder mágico da palavra (J.A.).

Depois ataca a si mesmo, ao Benedito Nunes poeta, para despistar os leitores: “Os achados [poéticos] puramente casuais não representam uma conquista definitiva na vida do poeta. É o que nos sugere a poesia do sr. Benedito Nunes. Aqui e ali um e outro achado, que ele não soube aproveitar, mostrando-se quase que inteiramente desprovido do manejo da técnica do verso”. A Max Martins coube uma alusão à foto escolhida: “Numa das fotografias aparece o sr. Max Martins acendendo um cigarro. Eis um motivo que ele não deixaria de aproveitar. A sua poesia tem o cotidiano como matéria prima”, e, então, comenta o “profundo sentimento de viver que lateja [nos] poemas [de Max]”. Paulo Plínio, cuja vocação poética, segundo o crítico, “incorporou a vida em si mesma: quer dizer que se fez vida”, teve sua poesia elogiada: “Gostaria de transcrever aqui todos os seus poemas”. A ironia dirigiu-se mais acentuadamente a Ruy Barata, poeta muito conhecido em Belém, que, com os seus trinta anos de poesia e experiências poéticas mais decisivas, teria criado para si, nas palavras do ferino João Afonso, uma antologia dentro da Antologia. O resultado da crítica que surpreendeu os poetas da antologia agravou-se pela ironia do escritor que diz entregar-se ao “ritmo irregular dos seus cochilos” (J.A.), sugerindo que os poemas da antologia provocaram-lhe sono. Obedecendo à ordem do “movimento preguiçoso do olhar, num dia de domingo” (J.A.), o crítico João Afonso acaba comentando todos os poetas, como se fosse guiado pelas impressões de leitura reavivadas no momento da escrita.

Largando a leitura dos Suplementos, Benedito retoma a terceira carta enviada de Teresina por Mário Faustino que parece responder a uma carta irritada sua (de Benedito), perdida, mas totalmente recuperável nas entrelinhas do texto de Mário: “Fiquei boquiaberto ao saber da verdade, tamanha era a semelhança

do J. A. com o Mendes: até o pseudônimo, se não me engano, é o nome tanto de um primo dele como de seu avô materno”, tenta explicar Mário Faustino, “então escrevi-te, ainda dominado pela surpresa”. Pelo que se depreende dessa resposta de Mário, Benedito Nunes respondera aborrecido aos comentários de 29 de janeiro, pois o poeta tratou de escrever para Belém, entre atacando e defendendo-se das acusações aparentemente veladas do Bené: “Salvo engano (não guardo cópias de cartas) escrevi ‘... tamanha foi a semelhança entre as tuas opiniões e as que o Mendes costuma expressar’...” (16 fev. 1951).

Uma carta oferece a possibilidade de o autor manifestar-se a si mesmo e ao seu interlocutor. Nessa última carta de Mário Faustino, que trata quase inteiramente do assunto, podemos, claramente, ouvir o diálogo entre Mário e Benedito. Em nenhum outro momento da correspondência que se desenrola entre eles, Benedito Nunes esteve tão presente nas retomadas de frases, nas palavras reescritas do que na carta-resposta de Mário Faustino. E, por outro lado, a carta provocou de tal forma a presença de Mário, que o crítico, ao recebê-la, pode certamente sentir o olhar do amigo pesando sobre ele. Toda a carta e o episódio referido estão impregnados do humor faustiniiano, apesar da crescente veemência de suas palavras. Mário Faustino faz marcha a ré, volta às suas intenções, revendo suas certezas: “quando escrevi ‘... enfim uma verdade se parece sempre com outra e o que dizes é a expressão da verdade’, até te puxei o saco, não achas?”. As frases são postas em questão e retomadas ainda em um longo post scriptum, do qual destaco um trecho:

P.S. Ia-me esquecendo de sublinhar, para teu uso, algumas expressões de tua carta com as quais eu poderia ofender-me: – “...percebi a maldade”. Será possível? – “...está escondida a maldade”. Será possível? [...] – “...ora, Mário, afinal és o poeta das Rosas”. Está mais do que claro que esqueceste de colocar a palavra ainda entre as palavras afinal e és. É a pura verdade, mas são coisas que não se dizem a amigos. – “... que não se escrevem certas coisas impunemente, mesmo estando no Piauí”. Então tu achas que, se eu estivesse no Pará, deixaria de dizê-lo, hein? Em poucas palavras: “Mário, és um covarde”.

[...]

Será que traduzi bem as intenções que tiveste ao escrever aquelas tantas coisas? Se traduzi, estamos quites. Se não traduzi, se interpretei mal, por aí podes concluir [...] o grande número de significados que as palavras podem revestir sobretudo à luz de um pouco de má vontade, de vaidade ofendida, etc... etc... (16 fev. 1951).

O que essa polêmica mostra de mais importante – tanto nos diálogos travados pelas cartas, quanto nos que se deram no jornal entre a antologia dos poemas e os artigos críticos – é a influência que Francisco Paulo Mendes exercia no meio literário, nas ideias e no estilo de cada um dos membros do grupo do Central Café, principalmente nos mais jovens, a ponto de todos acabarem por copiar suas ideias, espelharem-se em seu estilo. “Não é verdade que eu tenha me ofendido com isso” – diz, hoje, docemente, o filósofo, a propósito das menções que Mário fizera na carta de tantos anos atrás, repetindo-lhe as palavras escritas – “nunca me importei quando o Eli, o Machado e outros que tais diziam que nós todos éramos apenas uns papéis-carbono do Mendes. Nós éramos,

mesmo!” (16 fev. 1951). Levantando os olhos da carta de Faustino, Benedito Nunes acrescenta, por sua vez: “o Mendes habituara-se tanto a essa espécie de dominação, que, em relação ao Mário, no momento em que este, contrariando a vontade do mais velho, decidiu partir para os Estados Unidos, a amizade diferenciada que havia entre eles se quebrou” (NUNES, 2000).

A brincadeira no jornal custou a Mário e a Benedito alguns momentos de irritação e talvez de orgulho ferido, mas forneceu motivo para muitas risadas posteriores, animando e enriquecendo o Suplemento dominical da *Folha*, naquela virada de ano. No Suplemento n.º 165, de 14 de janeiro (não houve suplemento no primeiro domingo de 1951), Benedito Nunes assina o artigo Considerações sobre A peste (1951, p. 4) e inclui, entre parênteses, abaixo de sua assinatura, o pseudônimo J. Afonso, revelando sutilmente que o artigo anterior era de sua autoria:

Considerações Sobre “A Peste”



Figura 7: Ensaio sobre o romance *A peste*, de Camus, assinado por Benedito Nunes e, entre parênteses, o pseudônimo que o crítico usara na crítica à antologia dos *Dez poetas paraenses* (14.jan.1951).

E o assunto não se detém aí. Alguém usou do mesmo estratagema para responder ao Sr. João Afonso. No mesmo número do Suplemento, outro crítico de passagem por Belém contra-ataca, na primeira página, com outro artigo de mesmo título dos dois anteriores, assinado desta vez por Acrísio de Alencar.

DEZ POETAS PARAENSES



Figura 8: Artigo assinado por Acrísio de Alencar, em resposta à crítica do Sr. J. Afonso (14.jan.1951).

Acrísio de Alencar (Haroldo Maranhão?) assim se apresentava: “Permita o grande suplemento literário de nossa terra que um jovem do interior venha sumariar suas impressões acerca de um assunto muito palpitante, suscitado na edição de 31 de dezembro por um viajante ilustre, a quem, parece, melhor agradou o nome suposto para o patrocínio de suas opiniões”.

Há, ainda, nesse número do Suplemento, uma réplica de Floriano Jaime respondendo ao artigo de J. Afonso:

Ainda Sobre Dez Poetas Paraenses

Figura 9: Artigo assinado por Floriano Jayme, um dos poetas da antologia (14.jan.1951).

Esse episódio revela a força e a importância do Suplemento – local, mas de amplitude nacional – naquele pequeno mundo da cidade provinciana, em que os leitores, na sua maioria, eram os próprios colaboradores do jornal, compostos pelos dois grupos que atuavam na vida intelectual da terra: a geração velha (do final dos anos 30) e a nova (a turma do Café Central), que se entrechocavam, uma desdenhando de certa maneira da outra. Como um campo neutro, o “Suplemento Literário de a *Folha* traduziria, durante cinco anos, o espírito comum do grupo maior, afinado pela leitura dos mesmos poetas, ficcionistas e filósofos e pela admiração votada aos mesmos artistas” (NUNES, 2001, p. 16). Da parte desses jovens que se denominavam “os novos” havia um desconhecimento quase voluntário da antiga geração de escritores de Belém: “desse grupo antigo, nós só respeitávamos o Bruno de Menezes”, confessa Benedito Nunes (2000). Foi justamente Bruno de Menezes, poeta responsável pela inovação da poesia paraense, com o longo poema-ritmo “Batuque” (1931), que, em entrevista ao Suplemento Literário da *Folha do Norte* sobre a literatura no Pará, publicada com o título de Posição e destino da Literatura Paraense, escreveu: “É uma farsa muito vazia de sentido falar-se em ‘Geração Moderna’ do nosso estado”. Mas, “se moderno quer dizer da hora presente”, poderiam ser lembrados os nomes “de um Ruy Guilherme Barata, um Paulo Plínio de Abreu, um Benedito Nunes, ou os de Haroldo Maranhão, Jurandir Bezerra, Max Martins, embora ainda presos aos complexos liricamente emotivos”. Quanto a escritores,

teatrólogos, ensaístas, pensadores em geral, Bruno cita “valores distintos como um Francisco Mendes, um Cécil Meira, um Raimundo Moura, um Cléo Bernardo” (1947, p. 2). Na mesma reportagem, Romeu Mariz, também membro da Academia Paraense de Letras, dá o seu depoimento: “há, na atualidade, dois ou três elementos, dos novíssimos, alçando voos promissores, belos voos, podendo-se apontar entre eles, Haroldo Maranhão, Geogenor Franco e Mário Faustino, parecendo-me que desse filão áureo não virão outras gemas de prol” (1947, p. 2). Esses depoimentos revelam que os acadêmicos não deixavam de valorizar os novos escritores da terra.

Apesar de dois anos mais novo que Benedito Nunes, Vicente Sales fazia parte do grupo dos antigos (como os literatos da geração anterior eram chamados pela turma entusiasta do Central). Diziam-se membros da “Academia do peixe frito” e frequentavam uma outra espécie de “salão”, bastante popular. Reuniam-se pelas madrugadas no Café Manduca, no Barbinha ou nos arredores do mercado do Ver-o-Peso, para comer o peixe frito que dava nome ao grupo. “Eram velhos”, conclui Vicente Salles, “era o Pinagé, o Bruno, o Jacques Flores, o De Campos Ribeiro, o Geogenor Franco”. Para o historiador, naquela época, a cidade tinha um ar de decadência: “aquele ar do já teve que até hoje muitas pessoas ficam lamentando esse passado perdido”. Sua lembrança fixou os sérios problemas urbanos que Belém conheceu, “problemas da luz, da água, dos transportes. Uma luz muito... [...] no pique do consumo, você não enxergava para ler... a luz apagava, os bondes paravam...”. Segundo ele, só é possível considerar aquele tempo como uma fase de efervescência cultural a partir do Suplemento: “Eu lembro inclusive que o Levi Hal de Moura publicou grande parte do seu livro, da visão marxista da História do Pará (Esquema da evolução da sociedade paraense), em capítulos, no Suplemento da *Folha*. A última página trazia sempre um poema chocante, bom”, conta Vicente Sales. Segundo ele, fundamental nessa geração foi a liderança de Haroldo Maranhão, como jornalista, “porque ele mantinha contato com a geração anterior dos ‘velhos’ e o elo era o ‘Suplemento’” (SALES, 2002). O Suplemento da *Folha do Norte* não somente unia a geração antiga e a nova dos intelectuais de Belém, como também trazia para o Norte os textos dos artistas consagrados do Sul do país.

Além das reuniões nos bares e cafés, dos suplementos literários dos jornais, revistas também congregaram as ideias da época, inserindo a província no movimento mais amplo da modernidade nacional. Encorajados pelo sucesso do Suplemento Arte-Letras e pela facilidade de impressão oferecida pelo jornal, Haroldo Maranhão, Mário Faustino e Benedito Nunes tiveram a ideia de fundar (ainda em 1948) a revista literária – Encontro –, que morreu ao nascer. Nesse único número, Mário publicou o seu trágico conto “Nigel”.

Dessa época, existe uma fotografia de Mário Faustino com os amigos, em uma festa, no terraço da casa do Sr. Mascarenhas (avô de Mário) na antiga São Jerônimo.



Figura 10: fotografia tirada em uma reunião na casa do avô de Mário Faustino, reunindo amigos, poetas e críticos.

Em primeiro plano, Francisco Paulo Mendes mantém-se alheio ao aceno do fotógrafo. Atrás, de pé, da esquerda para a direita, Beckmann, um vizinho de Mário, Benedito Nunes atrás de Maria Sylvia e ao lado de Mário Faustino, que pousa o braço em suas costas, o gesto eterno da amizade (revelando que o primeiro – e único – desentendimento entre os amigos já havia sido esquecido). Do outro lado de Mário Faustino, sentado, Ruy, Paulo André e Norma Barata. Na outra extremidade, Raimundo Moura, cujo olhar, divertido, parece não se desviar do de Francisco Paulo Mendes. A presença das mulheres e da criança (Maria Sylvia, que namorava Benedito Nunes, Norma, casada com Ruy Barata e Paulo André, seu filho, futuro compositor e parceiro do pai) marca o início do fim dessa fase despreocupada em que Mário ainda morava em Belém.

Benedito Nunes, Mário Faustino, Ruy Barata, Francisco Paulo Mendes pertenciam ao grupo de amigos (do qual fazia parte a maioria dos dez poetas paraenses da antologia), que se encontravam amiúde no Café Central, local que testemunhou o surgimento de vários poetas, alguns dos quais ultrapassaram os limites da província. Ali quase todos acabavam escrevendo poesia, por influência de Francisco Paulo do Nascimento Mendes, crítico de literatura e de arte, ensaísta e professor de Literatura Portuguesa e História da Arte na Universidade do Pará. Por causa disso, Mendes ganhou o epíteto de “fazedor de poetas”. Mas Francisco Paulo Mendes foi, na verdade, um fazedor de escritores, dos mais variados gêneros, pois também iniciou e encorajou críticos e prosadores. Haroldo Maranhão, por exemplo, enveredou pela prosa de contos e romances, e Benedito Nunes prosseguiu no rumo do texto ensaístico, dos estudos filosóficos e críticos.

Hoje, tranquilamente, Benedito Nunes se define:

Não sou nem poeta nem ficcionista. Exceto os pecadilhos juvenis de alguns versos, contos e dois capítulos de romance, João Severo, imitação de O menino de Engenho, de José Lins do Rego, escrevo, de preferência, ensaios literários e filosóficos, quando não comentários a livros publicados, especialmente de poesia (NUNES, 2007).

Eu, então, acrescento, lembrando o epíteto dado por ele a Mário Faustino: Benedito Nunes é um filósofo da poesia.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Lília Silvestre. Mário Faustino: uma biografia. Belém: SECULT; IAP; APL, 2004.

CHAVES, Lília Silvestre. O filósofo e o poeta. No prelo.

JAYME, Floriano. Ainda sobre dez poetas paraenses. *Folha do Norte*, Belém, 14 jan. 1951. Suplemento Arte-Letras, n. 165, p. 4.

MENDES, Francisco Paulo. Primeira notícia sobre a poesia de Mário Faustino. *Folha do Norte*, Belém, 1948, p. 1 e 3.

MARANHÃO, Haroldo. O poeta e sua vida. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 jul. 1966.

MARANHÃO, Haroldo (sob o pseudônimo de Acrísio Alencar). Dez poetas paraenses, *Folha do Norte*, Belém, 14 jan. 1951. Suplemento Artes-Letras, n. 165, p. 1 e 3.

POSIÇÃO e destino da Literatura Paraense. *Folha do Norte*, Belém, 2 dez. 1947, p. 2.

NUNES, Benedito. Da caneta ao computador ou entre filosofia e literatura. 2007.

NUNES, Benedito. O amigo Chico fazedor de poetas. In: _____ (Org.). Belém: SECULT, 2001. p. 15-24.

NUNES, Benedito. Entrevista. 2000. Inédita.

NUNES, Benedito. Considerações sobre *A peste*. *Folha do Norte*, Belém, 14 jan. 1951, p. 4.

NUNES, Benedito (sob o pseudônimo de João Afonso). Dez poetas paraenses. *Folha do Norte*, Belém, 31 dez. 1950. Suplemento Arte-Letras, n.164, p. 1 e 3.

SALES. Entrevista, 2002. Inédita.

WERNECK. O homem encadernado. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.



Mário Faustino e Benedito Nunes. (Acervo Lília Chaves)

